

fevereiro 2000
ano 5
edição meses letivos

Bruno Zevi: o *Quixote* da arquitetura orgânica

Roberto Segre, Rio de Janeiro

bobsegre@uol.com.br

Boletim Óculum é informativo da Revista Óculum, publicado pelo CIDD da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com apoio do Grupo PET - CAPES. Internet: www.puccamp.br/~fau/

Editor responsável
Abílio Guerra

Correspondentes
Ana Paula Baltazar *Inglaterra*
Affonso Orciuolo *Espanha*
Cristina Mehrrens *EUA*
Diego Wisnivesky *Argentina*
Eduardo Aquino *Canadá*
Lúcia Velloso Nobre *Inglaterra*
Mária B. Cavalcanti *Alemanha*
M^o Pilar P. Pineyro *Uruguai*
Olivia de Oliveira *Suíça*
Paul Meurs *Holanda*
Paulo Dizicoli *França*
Pedro Moreira *Alemanha*
Ramón Gutiérrez *Argentina*
Regina Isima Vieira *Japão*
Vitorio Corinaldi *Israel*

Monitores CIDD
André Kaplan, Daniel Carne-
lossi, Priscila Vieira Davini

Grupo PET
Alexandre Tonetti, Diego Vega,
Eliane Castanharo, Fábio Arau-
jo, Isabel Nicolielo, Ivana Mi-
randa, Júnia Sana, Giovana Del
Ducca dos Santos, Marcelo
Svartman, Sandra Mielko Yano,
Tatiana Ono Morgado

FAU PUC-Campinas
Diretor
Ricardo Marques de Azevedo
Diretor adjunto
Denio Munia Benfatti
Coordenador de curso
Wilson Ribeiro dos Santos Jr

CIDD Centro Integrado de
Documentação Digital
Rod D Pedro I - Km 136
Campus I - CEP 13089-500
Campinas SP Brasil
fone 019 756.7156
fax 019 255.6376
cidd@acad.puccamp.br

Revista Óculum
fone-fax 011 2889950
oculum@uninet.com.br

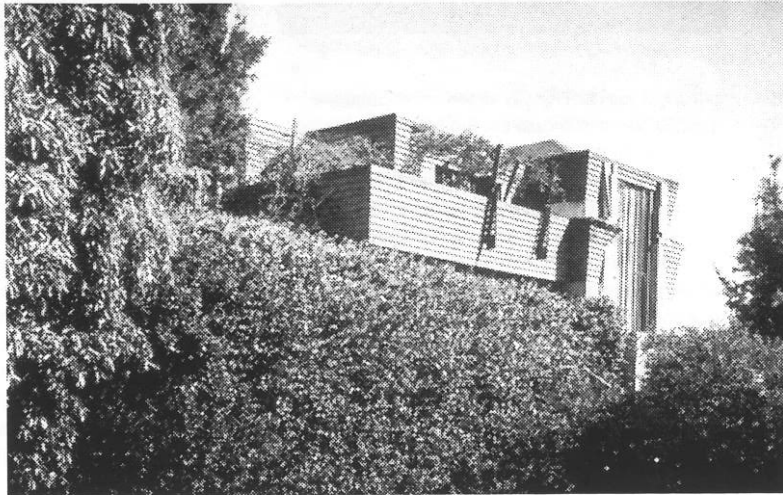
Apoio
Apple, Capes e Daidigital Kodak



DAIDIGITAL



IMPRESSO



Residência Martha Taggart, de Frank Lloyd Wright. Bruno Zevi foi o grande divulgador europeu de Wright

Bruno Zevi (Roma 1918 - Roma 2000)

Às portas do 82º aniversário, faleceu em 09 de janeiro em Roma um dos maiores críticos da arquitetura do século XX. Conjuntamente com Leonardo Benévolo e Manfredo Tafuri, conformou a trilogia italiana que renovou a historiografia, a crítica e a pesquisa, tanto do passado como do Movimento Moderno. Hoje, as novas gerações de estudantes e profissionais continuam utilizando os textos de Tafuri e Benévolo, enquanto poucos recordam de Bruno Zevi. Triste destino para um lutador incansável, profundo pesquisador, erudito exigente, escritor infatigável, polemista inflamado, professor apaixonado, democrata de alma, periodista incorruptível, tem sido relegado a um segundo plano nos balanços recentes do pensamento teórico: enquanto Joan Ockman em seu *Architecture culture 1943-1968: a documentary anthology*, somente o inclui marginalmente, em uma chamada do movimento italiano APAO, na posterior recopilação de textos de Kate Nesbitt, *Theorizing a new agenda for architecture: an anthology of architectural theory, 1965-1995*, nem aparece citado no índice de nomes!!!! E isto ocorre entre os escolares norte-americanos, que evidentemente esqueceram a defesa da importância e a difusão internacional da obra de Frank Lloyd Wright e dos profissionais pertencentes ao movimento *Bay Region*, a quem dedicou centenas de

páginas na sua *História da arquitetura moderna* (1950), primeira obra profundamente engajada e polêmica da arquitetura moderna.

Para nós que nos formamos na década dos anos cinquenta, a tese de Zevi sobre o significado do espaço arquitetônico e a necessária interpretação dinâmica dos edifícios significou uma mudança radical frente às análises imperantes até então. Sem desmerecer o antecedente de Sigfried Giedion, pioneiro no intento de articular o Movimento Moderno com o processo histórico anterior; Zevi era um crítico apaixonado que arrastava seus leitores ao vértice do furacão, com argumentações irrefutáveis. Esse sangue ardente que corria por suas realçadas veias era o que necessitávamos nós, estudantes latino-americanos, todavia submetidos à educação acadêmica, aos estudos arqueológicos, aos cansativos tratados de Choisy, Fletcher e do fleumático Pevsner.

El saper vedere l'architettura (1948), quase imediatamente traduzido para o espanhol em Tucumán (Argentina, 1951) sob iniciativa de Enrico Tedeschi, constituiu uma revelação para nós que percorríamos o árduo caminho do aprendizado arquitetônico. E não posso deixar de testemunhar que antes de entrar na Faculdade de Arquitetura de Buenos Aires, compareci casualmente em uma conferência de Zevi (1952), que participava de um curso na

Universidade: a teatralidade da sua exposição, a argumentação precisa ante cada imagem, causou-me um profundo impacto e quase resultou em uma mágica revelação do que deveria ser o caminho a seguir na vida.

Impossível resumir em poucas linhas a trajetória do Mestre. Sua fundamental contribuição foi questionar o monolitismo do Movimento Moderno baseado na linguagem das "caixas brancas" e demonstrar a existência dos múltiplos caminhos *regionalistas*, desde a linguagem orgânica de Wright até o neo-empirismo nórdico de Asplund e Aalto. Na Itália, através da pioneira revista *Metron* e na defesa da própria identidade peninsular, abriu as portas à manifestações de neo-realismo arquitetônico. Sem dúvida, seu fervor pelas idéias que defendia não lhe deixaram alcançar a necessária objetividade da ação crítica: por uma parte, apoiava com denodo o sionismo em todas suas manifestações; por outra, sua profunda aversão ao fascismo e nazismo e mudança ao estalinismo não compreendeu o caminho alternativo que significava o movimento socialista no mundo. Teve profunda consciência da necessidade de popularizar e divulgar os temas arquitetônicos para que formassem parte da cultura social: suas notas semanais na revista *L'Espresso*, publicadas ao longo de anos, eram um referencial na Itália e no mundo. Zevi assumiu a luta pela boa arquitetura e a cidade humanizada como uma cruzada contra o mercantilismo, a corrupção política e a ausência de ética no manejo do território urbano. Não devemos deixar cair suas bandeiras, nestes tempos de horror e convulsão, onde para protegermo-nos dos perigos que nos acercam, críticos e arquitetos, afastamo-nos cada vez mais em nossas isoladas carapaças.

Tradução de Marcelo Svartman, Grupo PET FAU PUC-Campinas. Leia original em espanhol na internet

Alguns livros importantes de Bruno Zevi
Architecture as space: how to look at architecture;
Erich Mendelsohn: the complete works;
Frank Lloyd Wright;
The modern language of architecture;
De Stijl: poetics of neo plastic architecture;
Sert's architecture in the Miró Foundation.

Casa Rio Frio de Rogelio Salmons

Camilo Salazar Ferro, Colômbia

arquitecturas@hotmail.com



Casa Rio Frio, Arq Rogelio Salmons. Fotos Xiomara Mojica



"Todo projeto vem de outro, mas ao final todos os projetos são o mesmo", Rogelio Salmons

Uma casa para ser habitada pelo arquiteto e sua família é até agora o último elo da cadeia de projetos para habitação construída por Rogelio Salmons. Localizada às margens do Rio Frio, no município de Tabio a 45 minutos de Bogotá, é uma casa de 160 metros quadrados que resume todos os temas presentes no projeto de Rogelio Salmons, iniciado nos primórdios dos anos sessenta com a residência para Olga de Amaral, no Norte de Bogotá. A revolução no tempo dos elementos compositivos tem suposto seu progresso e depuração: assim o pátio, o oblíquo caminho d'água, os volumes simples cobertos com abóbadas, o trajeto exterior afé e sobre as coberturas, a separação da área social da de descanso, a atitude para com a geografia e a utilização do tijolo como tema não apenas construtivo mas também técnico, são elementos que formam parte do "projeto" do arquiteto que atravessa como fio condutor todas suas obras até hoje.

Ao visitar esta casa o espectador primeiramente pode surpreender-se ao não encontrar a grandiosidade esperada da obra do arquiteto para si mesmo (similar à obra prima do escritor que inclui todas as personagens, as situações, as metáforas e as citações, temendo perder o que autobiograficamente lhe é vital). É uma casa sob medida, desenvolvida como conclusão da arquitetura no tempo, que passa despercebida, que não é um palácio contemporâneo; é um lugar feito da mistura da mesma arquitetura que compõe as encomendas que se faz ao arquiteto. Sempre as necessidades de habitação são as mesmas: um banheiro é um banheiro no campo ou na cidade, um quarto não é uma sala, assim como um pátio não é mais que um pátio, ou uma chaminé não é um quadro. Esta casa é uma clara afirmação de que o projeto do arquiteto é um só.

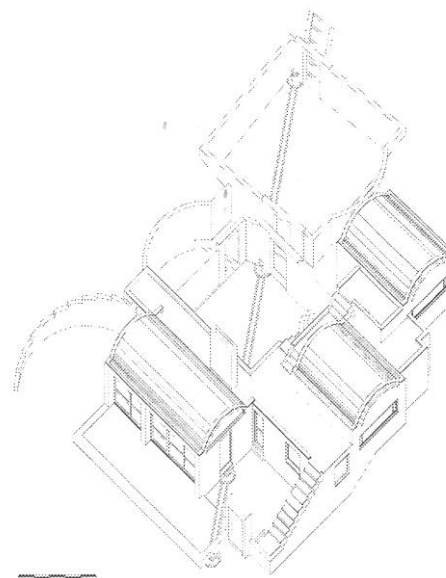
A casa parte do princípio da composição no espaço de uma entidade pequena baseada nas mesmas premissas com as que se trabalha uma entidade maior. Salmons afirma que o trabalho de composição pode chegar a produzir um espaço de 5 x 5 que se pareça a outro de 30 x 30; aqui a escala passa para segundo plano. Uma figura que pode exemplificar isto, é a comparação entre São Pedro em Montorio e São Pedro em Roma; a sensação de surpresa ante os dois edifícios é similar, sem im-

portar as suas diferenças de tamanho. Salmons aplicou para a sua casa em Rio Frio o sistema de organização utilizado na Casa de Hóspedes Ilustres, com a finalidade de comprovar que a monumentalidade do projeto de Cartagena poderia ser levada a outra escala. Com isto pretende demonstrar que o caráter monumental de uma obra não provém tanto do seu tamanho, como da forma em que como é concebida. A proposta se fundamenta em criar uma casa pequena que tenha os mesmos elementos que compõem outros de seus projetos – todos de maior dimensão –, pois segundo o próprio arquiteto este experimento é difícil de tolerar por um cliente que não seja ele mesmo.

A casa de Rio Frio é um projeto pensado e construído a partir dos elementos da arquitetura, onde ainda tem cabimento a preocupação por resolver o crucial: como viver no espaço mínimo com o máximo de conforto, adotando uma posição frente à geografia e inserindo-se na coerência cultural de toda uma vida de trabalho.

Artigo publicado originalmente na revista *Arquitecturas*, nº 2, 1999, Bogotá, Colômbia, pp 26-31. Tradução: Marcelo Svartman, Grupo PET

Ficha técnica Casa Rio Frio. Tabio, Cundinamarca, Colômbia. Projeto: 1997. Execução: 1997-1999. Projeto: Arq Rogelio Salmons. Cálculos e soluções estruturais: De Valdenebro Engenheiros Ltda. Colaborador: Arq. María Elvira Madriñán



Colóquio "Arquitetura brasileira: redescobertas"

Leonardo Castriota, Belo Horizonte

arqbrasil500@hotmail.com



As comemorações do 5º Centenário do Descobrimen-
to do Brasil oferecem-nos a oportunidade de se
fazer um balanço do que se produziu nesses 500
anos. O XVI Congresso Brasileiro de Arquitetos (IAB,
Cuiabá), terá como tema geral os "500 Anos -
Cenários de Ocupação Territorial".

Ligado a este grande evento, desenvolve-se o pro-
jeto *Arquitetura brasileira: redescobertas*, organiza-
do pelo IAB-MG, tratará da trajetória da arquitetura
brasileira durante o período. O projeto reúne os
maiores especialistas brasileiros e internacionais
da área, abrindo também espaço para a apresenta-
ção de contribuições de pesquisadores de nossas
universidades e centros de pesquisa.

Como parte do projeto, será apresentada uma ex-
posição organizada a partir do material coletado e,
após o colóquio, como encerramento dos trabalhos
será editado um livro de ensaios sobre a evolução
da arquitetura brasileira.

Estrutura do colóquio

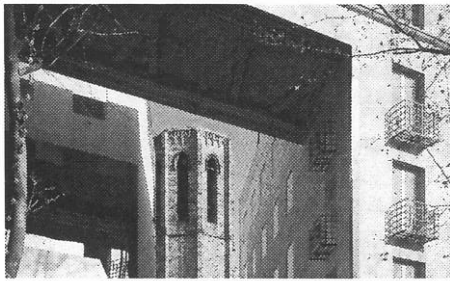
O colóquio articula-se em conferências, mesas-
redondas e sessões de comunicações. Os temas e
sub-temas sugeridos são os seguintes:

"Origens e encontros" (arquitetura indígena; ar-
quitetura portuguesa no início da modernidade;
diáspora africana; arquitetura da imigração); "Ar-
quitetura no Brasil Colônia" (formação dos nú-
cleos urbanos no Brasil Colônia; Salvador, capital
da Colônia; arquitetura do açúcar; arquitetura
eclesiástica do litoral; cidades do ouro; arquite-
tura do ouro; arquitetura rural); "O século XIX"
(Missão Francesa e o historicismo no Rio de Janei-
ro; arquitetura do ferro no Brasil; diversas configu-
rações do ecletismo; caminho do oeste); "O mo-
dernismo na Arquitetura Brasileira" (os precursor-
res; modernidade pragmática; Escola Carioca; Es-
cola Paulista; Cataguases e a modernidade minei-
ra; arquitetura moderna no nordeste; outras mo-
dernidades; Brasília); "Cena contemporânea" (Ar-
quitetura brasileira pós-Brasília; anos de chumbo:
a arquitetura do milagre; pluralismo contemporâ-
neo; urbanização contemporânea no Brasil; habi-
tação e exclusão; novas fronteiras; "Perspectiva
crítica" (historiografia da arquitetura no Brasil;
crítica da arquitetura no Brasil; formação do
arquiteto; regionalismo e globalização).

XVI Congresso Brasileiro de Arquitetos. Colóquio
"Arquitetura brasileira: redescobertas" Cuiabá, 26 a 29 de abril
de 2000. Cronograma: 03mar, data limite para envio dos
resumos; 17mar, notificação dos resumos aceitos. Info:
arqbrasil500@hotmail.com ou IAB-MG, r Mestre Lucas 70,
30310-240 Belo Horizonte MG, fax 031 225.6408

Bohigas: Paixão por Barcelona

Fernando Lara, Estados Unidos
ferlara@umich.edu



Palau Nou de la Rambla, Barcelona. Arq Oriol Bohigas

Aberta em Barcelona desde 21 de dezembro último, no Palau de la Virreina, a exposição: *Bohigas: Passió per la Ciutat*. Montada em homenagem a Oriol Bohigas que se aproxima dos 75 anos (mais de 50 de arquitetura), a exposição leva o visitante a um percurso pela vida e obra do arquiteto em paralelo com o contexto espanhol e barcelonês do século 20.

Entre as centenas de projetos do escritório MBM (Martorell, Bohigas, Mackay), o mais conhecido talvez seja o plano diretor para a vila olímpica (1985-1992). Mas chama atenção o Palau Nou de la Rambla (1989-1993), em frente ao Mercado da Boqueria. Ao abrir o prédio de escritórios em um pórtico para que as milhares de pessoas que por ali passam vejam o campanário del Pino, Bohigas aproxima duas partes da cidade, o Barrio Gótico de um lado e as Ramblas do outro, que de outra forma estariam inevitavelmente separadas.

Aliás, como revela a exposição, Bohigas sempre acreditou no poder da arquitetura e do urbanismo como intervenção pontual, e nunca deixou passar uma oportunidade de polemizar. Foi assim como professor desde 1971 ou como Delegado de Urbanismo da municipalidade, responsável direto pelas reformas a partir de 1980. Intelectual de esquerda (termo que recusa a abandonar), Bohigas escreveu sobre "a erótica do desenho", "contra uma arquitetura adjetivada" e as "graças e desgraças culturais" de sua cidade. Certa vez, contrário a continuação das obras da Sagrada Família, propôs a derrubada da portada da paixão para salvar a integridade da obra de Gaudi. Bohigas é nas palavras do prefeito de Barcelona "arquiteto notável, urbanista influente, editor incansável, escritor prolífico e polemista implacável".

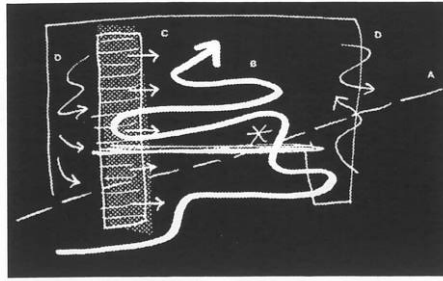
É de se perguntar porque uma obra tão vasta como a de Bohigas seja tão pouco conhecida. Nas palavras de Vittorio Gregotti: "na era do formalismo e do culto à imagem, uma arquitetura como a de Bohigas está destinada a encontrar uma forte oposição que se expressa sobretudo na sua exclusão das principais revistas de arquitetura".

Agora que Oriol Bohigas está trabalhando na Praça XV tem a oportunidade de se fazer conhecer no Brasil. Espera-se que sua energia e paixão por Barcelona se traduza em excelência também para o Rio de Janeiro, e que o encontro entre arquitetos e arquiteturas de cá e de lá seja proveitoso.

Exposição: *Bohigas: Passió per la Ciutat*. Palau de la Virreina, Barcelona. De 21dez1999 a 19mar2000

Hortus Sanitatis de Njiric+Njiric

Ana Rosa de Oliveira, São Paulo
edgar.suzuki@itau.com.br



Hortus Sanitatis, Zagreb, Croácia. Croquis de concepção

Uma das premissas para a construção da nova Faculdade de Farmácia e Bioquímica foi a de reunir os seus departamentos dispersos pela cidade de Zagreb, Croácia. A faculdade era proprietária do Jardim Botânico e recebera a oferta de um terreno adjacente a este para a construção dos novos edifícios. Njiric+Njiric foram os únicos arquitetos que ousaram construir no interior do Jardim Botânico.

O terreno era uma dessas típicas parcelas de uma seqüência linear ao longo de um eixo neo-barroco. Essa inserção fez com que muitas questões inerentes ao contexto urbano influenciassem o projeto.

O edifício do *Hortus Sanitatis* surge como uma paisagem comprimida. Um núcleo, ou "hardware estruturador" recebe o envoltório de uma estufa de vidro, de baixo custo, como se fosse uma "camada de software". Complementam-no salas adicionais, rampas, escadas, "artefatos antroposóficos". A área intermediária faz a transição gradativa para a paisagem, um filtro de vegetação arbórea atua como segunda pele do edifício: vegetação continental ao sul, de folhas perenes ao norte, e espécies mediterrâneas a oeste.

Vários trajetos o comunicam: um cotidiano, mais curto e mais cômodo, para professores e estudantes; a *rota homeopática* que passa através do jardim suspenso de plantas e a *rota pública*, que abre uma passagem urbana atravessando o interior do edifício.

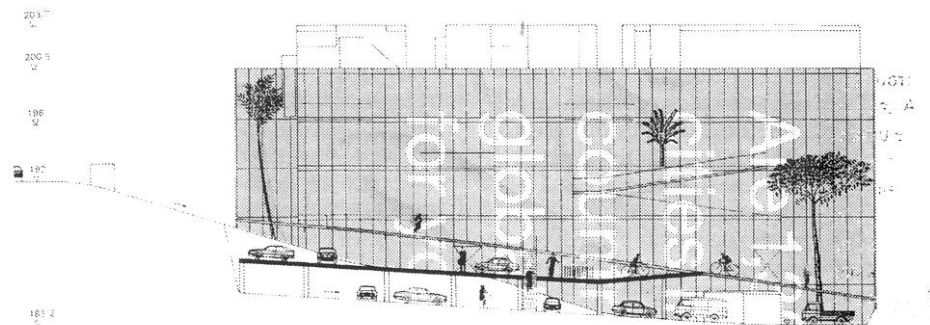
Os autores consideram que um artefato não tem porque estar necessariamente integrado à paisagem. Deveria, no entanto, ser bem projetado e suficientemente comprimido para deixar tanto ter-

ritório livre quanto fosse possível. Um bom número dos seus projetos se ocupam da concentração, seja estrutural (Baumax), seja de uma paisagem condensada (*Hortus Sanitatis*) ou mesmo uma série de concentrações locais (os claustros de Glasgow). Sua técnica consiste em uma série de deduções, uma espécie de esforço para apreender a idéia realmente essencial em qualquer escala territorial ou arquitetônica, que logo pode ser aplicada e desenvolvida. Sua arquitetura é telegráfica, seus croquis, ideogramas. Às vezes a idéia vem de um bombardeio repentino e em outras, tem lugar quase ao final; este é o caso do *Hortus Sanitatis*. Em muitos lugares se limitam a remover a substância, a preparar os materiais, a condensar os planos, tudo isso buscando uma expressão mínima, uma espécie de minimalismo de estilo livre. Mas sua idéia de síntese não se relaciona só com a idéia de invenção. Eles se perguntam se teriam que estar sempre inventando coisas novas, ou melhor, se teriam que melhorar, simplesmente colocar em dia a situação existente. Ou inclusive, se cada lugar específico teria necessidade de uma "arquitetura".

O edifício da Faculdade de Farmácia projetado por Njiric+Njiric constrói uma espécie de paisagem concentrada, uma extensão lógica, internalizada do Jardim Botânico que o circunda. Ele se desdobra sobre o jardim e é cruzado pela paisagem urbana. Aqui o edifício não se entende como elemento integrado, mas tampouco dissociado. Ao contrário, como nos seus ícones, a meio caminho entre a idéia geradora, sua arquitetura se entende como um catalizador na peça que constitui a sua paisagem.

A economia de meios e a fácil compreensão da sua linguagem imediata, quase publicitária, pode estar associada à sua percepção de que "hoje, mais do que nunca, a arquitetura e o planejamento urbano têm muito que ver com a eficácia, com as leis do livre mercado e com a economia real. O único que conta é a logística". Ou talvez porque "em uns Balcãs com a engrenagem livre, com mudanças constantes, com ações premeditadas, com fugas emocionais, e uma grande superficialidade, não há lugar para erros de planejamento".¹

1 Njiric+Njiric, entrevista a Y. Simeoforidis, *Quaderns* n° 219



Hortus Sanitatis, Zagreb, Croácia. Elevação. Studio Njiric+Njiric

Morre Jorge Caron

Renato Anelli, São Carlos SP
reanelli@sc.usp.br



Arq Jorge Caron

Faleceu em São Carlos, no dia 20 de janeiro de 2000, o arquiteto Jorge O. Caron, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos - USP e profissional com intensa e importante atuação na arquitetura paulista.

Caron formou-se no meio da década de 60 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, especializou-se em transportes na New York University em 1976 e defendeu a tese de doutoramento "O território do espelho: a arquitetura e o espetáculo teatral" (FAU-USP, 1994).

Participou da equipe formada pelos arquitetos Paulo Mendes da Rocha, Júlio Katinsky e Rui Ohtake que realizou o projeto do Pavilhão Brasileiro na Feira Internacional de Osaka, Japão, em 1969-1970. Entre seus projetos seguintes se destacam a Torre da TV Cultura, a Biblioteca da Faculdade de Medicina da UNESP em Botucatu e o recém inaugurado Monumento aos Combatentes da 2ª Guerra Mundial, em frente ao Círculo Militar em São Paulo, além de vários projetos no Campus da USP em São Carlos.

Seu interesse pelo teatro, tema de seu Doutorado, levou-o a vários trabalhos cenográficos, tendo realizado recentemente o projeto do Teatro Conchita de Moraes em Santo André. Na USP São Carlos, além de disciplinas de "Desenho do Objeto", "O Espetáculo e sua Arquitetura", "A Leitura do Projeto de Arquitetura" (Pós-Graduação), o Prof. Caron vinha ministrando a disciplina de "Paisagismo", tendo organizado em 1996 o III Enepea - Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo. Atualmente desenvolvia pesquisa sobre Impactos Culturais na Área da Hidrovia Tietê-Paraná.

Em 1999, dois TGIs - Trabalhos de Graduação Interdisciplinar - orientados por ele foram premiados no 11º Concurso Paviflex patrocinado pela Fademac e revista AU e organizado pela Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura - ABEA. Jorge Caron teve destacada participação nas entidades de classe, sendo atualmente Conselheiro do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia - CREA como representante da EESC-USP.

Jorge Caron residiu seus últimos dez anos em São Carlos, onde foi coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP entre 1989 e 1992.

Unidade de habitação experimental

Marcelo Tramontano, São Carlos
tramont@sc.usp.br



A perspectiva da entrada num novo milênio induz a uma reavaliação de atividades, entre elas, a do ato de morar e da habitação. Como deverá ser a casa desse novo tempo? De que forma as pessoas habitarão a moradia do futuro?

A concepção espacial e tecnológica da moradia brasileira em geral e particularmente, das chamadas habitações de baixo custo, ainda remontam ao modelo internacionalmente difundido de habitação burguesa européia do século 19, resultando, em sua imensa maioria, em casas divididas em cômodos monofuncionais - quarto, sala, cozinha e banheiro - organizados segundo zonas social, íntima e de serviços e executadas, preferencialmente, em alvenaria de tijolos. Muito tem-se escrito sobre o déficit habitacional brasileiro, com seus números astronômicos, ainda que incertos. Contrariamente, quase nada tem sido feito no sentido de rever as soluções arquitetônicas de unidades e conjuntos destinados à população de baixa renda. A concepção de casas populares, tal como as conhecemos hoje no Brasil, tem também sido fortemente determinada por princípios enunciados pelo Movimento Moderno da primeira metade do século 20, os quais, difundidos mundialmente, acabaram inibindo, até pela extrema conveniência de sua fórmula, qualquer pesquisa sobre o assunto. Investimentos em estudos sobre materiais e técnicas locais, visando o equacionamento das questões habitacionais, tornaram-se tão raros quanto iniciativas no sentido de se repensar o desenho e as funções dos espaços de morar.

Além disso, a vida atual tem-se caracterizado cada vez mais por contínuas e rápidas mudanças. O novo perfil demográfico da população, seus modos de vida emergentes com novas demandas, a diversidade da composição de seus grupos domésticos, vêm questionando o padrão social pré-estabelecido. Dentro desta nova situação, a habitação, como é oferecida hoje, parece estagnada frente ao dinamismo social.

O GHab da DAU EESC-USP propõe-se com a realização de Unidades Experimentais a rediscutir o desenho de seus espaços e otimizar seu processo construtivo, utilizando-se de materiais de fontes renováveis, visando uma nova concepção espacial mais lúdica e flexível.

Unidade de Habitação Experimental 001. GHab Grupo de Pesquisa em Habitação, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos da USP. Campus USP São Carlos. Visitação pública 21-03mar2000. Info: Roseli Guilherme, fonefax 016 271.1133, ghab@sc.usp.br, www.eesc.sc.usp.br/ghab

Noticiário do Grupo PET

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

Urbanização da favela Santa Marta

Concurso público de idéias promovido pelo município e estado e organizado pelo IAB/RJ. Insc até 18fev2000. Info: IAB/RJ, fon 021 285.3246

Livros lançados na 4ª Bial de Arquitetura

Estão disponíveis na Livraria PróLivros: *Rui Ohtake, a contemporaneidade da arquitetura brasileira*, Roberto Segre; *Guarapiranga: recuperação urbana e ambiental no município de S Paulo*; *Carmem Portinho, Ana Luiza Nobre*.

Concurso Público Nacional de Projetos

Monumento em homenagem aos imigrantes e migrantes do Estado de S Paulo. Insc: até 25fev. Info: 011 259.65997, iabsp@arquitetura.com.br

Seminário psicologia na arquitetura

O PROARQ e o EICOS da UFRJ promovem o *Seminário Psicologia e Projeto do Ambiente Construído*. De 23-25ago2000. Propostas de papers até 27mar. Info: psi-arq@gta.ufrj.br, www.fau.ufrj.br/proarq

Mestrado em Arquitetura e Urbanismo

Oferecido pela Uniban, com duração de 4 semestres. Início mar2000. Info: 0800.129000

1ª Premiação CSN na Construção Civil

Exposição de trabalhos premiados. Até 15fev, 3ª a dom, 9-18h. Memorial da América Latina, SP

Exposição de Olavo Redig de Campos

Até 5mar, 3ª a dom, 13-20h. Instituto Moreira Sales, rua Marq. de São Vicente 476, Gávea, RJ

12º Concurso Nacional Paviflex 2000

Para TFGs de formandos em arquitetura e urbanismo de 1999. www.geocities.com/~abea-br

Mestrado sobre patrimônio na Argentina

Gestão do patrimônio arquitetônico e urbano. FAUD, da Universidad Nacional de Mar del Plata. Info: fonefax 475.2626 int 218, novacov@mdp.edu.ar

Biblioteca CAD - Óculum

1. *Miralles Tagliabue: arquitecturas del tiempo*, Anatxu Zabalbeascoa e Javier Rodríguez Marcos; revista 2g nº10, *Instant China - notas sobre una transformación urbana*. Gustavo Gili, Barcelona, fax 93 322.9205, ggili@seker.es, www.ggili.com
2. *O processo de urbanização no Brasil*, Csaba Deák e Sueli R Schiffer (org), Edusp, fon 011 813.8837
3. *Representação gráfica em arquitetura*, Francis Ching, Ed Artes Médicas Sul, fon 011 883.6160
4. Catálogo da exposição *Sérgio Camargo*, curadoria de Ronaldo Brito, MAB / FAAP, fon 011 3662.1662
5. *Escultura no espaço público em São Paulo*, Miriam Escobar, FAUUSP / Fundação Vilanova Artigas, fon 011 864.7477, proeditores@sti.com.br
6. *Lasar Segall*, textos Vera d'Horta, grupo Velox / Fundação Finambrás, fon 011 50881100
7. *Brasília - gestão urbana: conflitos e cidadania*, Aldo Paviani (org), Editora UnB, fon 061 226.6874